



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

DARLAN DUARTE LIMA

**SOCIABILIDADES E COTIDIANO: a vida escolar em Massaranduba na
década de 1950**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

DARLAN DUARTE LIMA

**SOCIABILIDADES E COTIDIANO: a vida escolar em
Massaranduba na década de 1950**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em História.

Orientador: Prof. Me. José Egito Negreiro Pereira

CAMPINA GRANDE

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L732s Lima, Darlan Duarte
Sociabilidades e cotidiano [manuscrito] : a vida escolar em
Massaranduba na década de 1950 / Darlan Duarte Lima. - 2014.
21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Me. José do Egito Negreiro Pereira,
Departamento de História".

1. Sociabilidade 2. Educação 3. Sistema Educacional 4.
Massaranduba - Paraíba I. Título.

21. ed. CDD 301

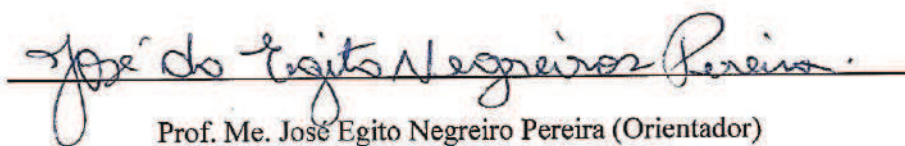
DARLAN DUARTE LIMA

**SOCIABILIDADES E COTIDIANO: A vida escolar em
Massaranduba na década de 1950**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em História.

Aprovado em: 05/12/2014.

BANCA EXAMINADORA



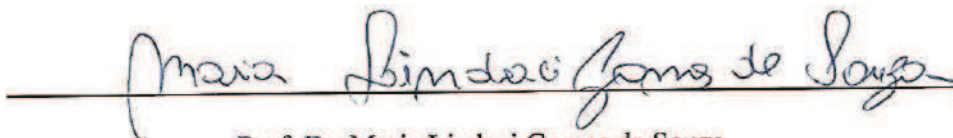
Prof. Me. José Egito Nogueira Pereira (Orientador)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)



Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)



Prof. Dr. Maria Lindaci Gomes de Souza

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)

SOCIABILIDADES ECOTIDIANO: a vida escolar em Massaranduba na década de 1950

LIMA, Darlan Duarte.¹

Resumo

O presente artigo, fruto do trabalho de conclusão de curso, tem por objetivo refletir sobre a implementação do primeiro sistema educacional presente em Massaranduba nos anos 50 do século passado, buscando ter como foco principal o convívio entre docentes e alunos assim como as relações destes estudantes entre si. Na pesquisa buscamos perceber o que a educação trouxe de novo para estes indivíduos quanto suas prerrogativas de futuro e suas sensibilidades em torno daquilo que se vivenciava. Tendo como aporte teórico o francês Roger Chartier, discorreremos nossos escritos corroborados pela História Cultural, já que se trata de perceber, na maior parte do texto, aspectos do cotidiano de cada indivíduo. O conhecimento da causa se formula através do discurso oral extraído dos ex-alunos da instituição, portanto passa a ser um trabalho ancorado no conceito de Memórias.

PALAVRAS CHAVE: Educação. Cotidiano. Sociabilidades.

¹ Graduando em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Email: ddl.darlan@hotmail.com.

1- INTRODUÇÃO

REFLEXÕES DA MEMÓRIA: A oralidade como método do saber historiográfico

A pesquisa sobre a vida escolar em Massaranduba na década de 50, que busca analisar alguns aspectos daquela sociedade, poderia ser incluída em diversos campos da História, pois concordamos que toda história traz em seu íntimo algumas particularidades correspondentes a diversas dimensões e subdivisões historiográficas. “Uma abordagem ou uma prática historiográfica não pode ser rigorosamente enquadrada dentro de um único campo” (BARROS, 20004. p. 15)

Contudo o enfoque maior será dado naquilo que a escrita traz como propósito central sendo primeiramente enquadrada na História Cultural, por se tratar de perceber como se dava a relação entre as pessoas que convivam naquele espaço relatando momentos de seu cotidiano.

Toda a vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura. Ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isso seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão. A própria linguagem e as práticas discursivas que constituem a substância da vida social, embasam esta noção mais ampla de cultura (BARROS, 2004, p. 57).

Observando assim que tipos de atividades lhes eram atribuídas no momento que estavam no meio escolar, como também fora dele. Verificando que atividades faziam parte de seu dia-a-dia.

Para embasar de forma mais firme nossas reflexões sobre a História Cultural, buscamos aporte em um dos mais renomados historiadores da corrente em questão, o francês Roger Chartier, que fazendo parte da terceira geração dos annales buscará em seus escritos fazer uma interpretação de qual o papel do historiador que busca refletir como a cultura é construída e interpretada pela sociedade.

Tomando como base teórica o livro, a História Cultural – entre práticas e representações, registraremos sobre o tema aquilo que há como elo entre os escritos de Chartier e as memórias pessoais dos que viveram o período em análise.

Ao ultrapassar as linhas “repressoras” do conhecimento histórico, Roger Chartier define como papel fundamental da História Cultural buscar através das visões

de mundo, e interpretações da realidade dos agentes que constituem a sociedade de um determinado tempo e espaço, interpretar como estas são formuladas e recepcionadas na esfera social. Como cita Chartier (1990, p.17) “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Fazendo a análise do quanto as representações estão ligadas aos interesses de determinados grupos, Chartier faz uma síntese do quanto o escrito histórico tem um papel de destaque na formação do ambiente cultural, ainda mais por esta prerrogativa ser construída a partir de métodos e análises, onde se propõe definir aquilo que é seu objeto de estudo sempre acarretando no seu psíquico, doses de subjetividades e interesses na elaboração do discurso. Trazendo para nossa pesquisa, isso fica claro em momentos onde o dizer político sobre a educação nas escolas rurais destoa totalmente do observado na realidade dos alunos.

Sendo assim a História sempre será construída a partir de relatos e visões de mundo, seja através de eventos históricos mais gerais, seja através de relatos de ocorridos particulares, e é justamente o estudo do particular que deve ser interpretado para se buscar uma análise mais ampla da sociedade.

É importantíssimo também que não se deixe naturalizar aspectos que são evidentemente frutos de uma construção histórica em que através de como os indivíduos se relacionam com o mundo a sua volta, observam como as práticas culturais adentram o sujeito e acabam por construir suas interpretações e visões de mundo. Portanto observar como aquelas pessoas reagem frente ao meio escolar, explorando na pesquisa a importância que estes membros davam à instituição é de boa contribuição para incrementar este feito da História cultural.

A metodologia utilizada na pesquisa: Sociabilidades, Cotidiano e Escolaridade, têm na História Oral a principal fonte para elaboração do projeto, onde utilizaremos como referência bibliográfica o historiador José Carlos Sebe B. Meihy como também as historiadoras Fabíola Holanda e Verena Alberti que como ícones no pensar sobre oralidade contribuirão em muito nas nossas interpretações sobre o bom uso e a importância de tal tipo de abordagem teórica.

A História oral se apresenta neste trabalho como sendo de fundamental importância, pois além de lançar dados sobre o assunto, a pesquisa tem como uma de suas metas principais perceber as sensibilidades dos agentes que participaram ativamente do momento histórico, como cita Alberti(2005, p.170):“História oral deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu”.

Deste modo a História oral a nosso ver é a melhor forma de buscar tais percepções, pois no momento da entrevista percebemos a importância ou descaso, dependendo da ocasião, dos agentes históricos que vivenciaram o processo analisado.

Quando tratamos de sensibilidades e representações do vivido, algumas reações do discurso oral podem não ser inseridas de forma verbalizada nas entrevistas, cabe ao historiador perceber estas reações e trazer à público de alguma forma a sensibilidade tocante do momento no íntimo de cada entrevistado.

Muito do que é verbalizado ou integrado à oralidade, como gesto, lágrima, riso, silêncios, pausas, interjeições ou mesmo expressões faciais – que na maioria das vezes não tem registros verbais garantidos em gravações --, pode integrar os discursos (MEIHY, 2002, p. 17).

Por se tratar de discursos plurais e por vezes visões distintas, percebe-se que as informações trazidas pelas fontes podem ser interligadas passando a não fazer parte apenas de uma subjetividade singular, mas sim fazendo surgir conjunturas expressas em termos comunitários que embasam a escrita sobre o tema.

Outro motivo de destaque quanto à utilização do discurso oral é que um dos pontos chaves da pesquisa se baseia em entender e conhecer um pouco mais do cotidiano dos indivíduos, pois “a História do cotidiano (a entrevista de história de vida pode conter descrições bastante fidedignas das ações cotidianas)”(op.cit.p.166).

Desta forma a intenção de perceber que tipo de atividades faziam parte do cotidiano daquelas pessoas, é de certo modo alcançado através da História Oral.

A partir desta análise percebemos que a oralidade é uma das principais fontes historiográficas para quem se dedica escrever sobre “os de baixo” fazendo relações ao espaço de convívio dos mesmos, como é citado por Verena Alberti,

A História Oral tornou-se a contra-história, a História do local e do comunitário (em oposição à chamada História da nação). Por trás desse movimento, estava a crença de que era possível reconciliar o saber com o povo e voltar para História dos humildes, dos primitivos, dos “sem História”(ALBERTI, 2005,p.157).

Com a introdução e reconhecimento da importância da História oral, abriu-se o leque para avanços historiográficos, pois com este tipo de fonte se torna possível relatar vivências diversas daqueles que antes eram excluídos e silenciados pela História dos grandes fatos, os temas se multiplicaram e a História se tornou algo mais próximo do leitor por fazer menção e trazer características presentes na vida dos populares.

Pelo fato de nossa pesquisa ser em grande parte provida pelo discurso oral cedidas em entrevistas temáticas, se faz necessário uma discussão rápida em torno da memória, já que as vivências discutidas neste trabalho se dão por este meio. Para tanto utilizaremos autores que se debruçaram sobre o tema para destacar sua importância na escrita do passado, e de que modo nossa sociedade convive com esta prática.

A escrita por meio de memórias tem sido algo corriqueiro no meio acadêmico e até literário, isto porque ela se torna algo plausível para o conhecimento de quem se interessa a ler ou escrever vivências de um passado próximo, um passado em que membros conviveram duas realidades, aquela que lhes vem na memória por meio de questionamentos, e esta atual do tempo vivido, tendo experiência, estas pessoas, para criar interpretações positivas ou não de nossa realidade.

Porém nos dias atuais o processo histórico vem se apresentando cada vez mais acelerado, onde um passado já tido como morto, não precisa necessariamente estar muito distante do presente vivido. Com isto as mudanças ocorrem num ritmo frenético sem que haja tempo de costumes e tradições se constituírem nestas sociedades. Essa aceleração traz consigo o fim das sociedades-memória, lugar em que os valores eram repassados por gerações através de ambientes como família, religião, estado. Estas práticas perderam e perdem força ao passar do tempo, dando lugar a mecanismos como a mídia, que se interessam apenas por “temas da atualidade”.

Nossa sociedade perdeu a originalidade da memória por conta desta aceleração do tempo presente, atualmente os homens sentem a necessidade de viverem numa constante mudança, preservar comportamentos se torna algo antiquado, destoante daquilo propagado pelo modelo de vida atual “os homens foram reconhecendo como seu um poder e mesmo um dever de mudança, sobretudo a partir dos tempos modernos”(NORA,1984, p.8).

Para que este contato com a Memória não se extingue por completo é preciso que se incentive o diálogo com gerações antecessoras a nossa,isto servirá para unir vivências que podem se tornar interessantes com o revisitar do passado, isto para ver como aquelas pessoas se portavam diante a vida que tinham, não para retrocedermos no tempo e viver num mundo sem mobilidade, mas para valorizarmos a cultura destes que nos ensinam através de experiências aspectos de nossas vidas.

A história sempre teve como característica a destruição da memória espontânea, buscou-se sempre a construção de verdades generalizantes e esquematizadas onde a crítica histórica impedia o fluir de memórias particulares, essas sim, que demonstravam os pontos de vistas plurais quanto ao passado de determinados grupos sociais, só nos trabalhos e escritos mais recentes é que as memórias vêm ganhando papel de destaque e passando a fazer parte do conhecimento do passado.

A memória pode ser individual ou coletiva, é evidente que cada indivíduo vai fazer sua interpretação seja qual for o tema e elas serão únicas, porém quando se trata de relembrar lugares ou vivências ocorridas em grupos, esta passa a ser uma memória coletiva como nos evidencia Berutti:

Quando se fala em memória, não estamos nos referindo apenas à memória individual, isso porque também podemos falar em memórias coletivas, formuladas pelos costumes, hábitos, saberes, festas, comemorações, lugares, construções e fatos compartilhados pelos habitantes de uma determinada localidade (BERUTTI; MARQUES. 2009, p.67).

A memória parece fazer parte da natureza humana, em todos os ambientes com sua presença, nos deparamos com sociedades que antes mesmo de conhecerem a escrita passavam através de gerações não só conhecimentos para a sobrevivência, mas também

estórias que tinham como função, em boa parte das vezes, dá o sentido de singularidade ao grupo, fazer com que se reconhecessem como povo.

Entre as mais diversas sociedades, mesmo entre as mais modernas, continuou-se ainda o desejo de se eternizarem, seja através de imagens, escritos ou oralidades. Com este intuito, para que não se percam no tempo, busca-se sempre a criação lugares de memória.

Existem também os típicos “lugares de memórias” que são o próprio meio ambiente, as praças, monumentos e edifícios públicos e privados de uma localidade. Esses lugares podem ser considerados parte do patrimônio cultural de um determinado grupo quando, de alguma forma, ajudam a formar sua identidade por fazerem parte de sua memória (BERUTTI; MARQUES. Idem, p.67).

2- A DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO: A metodologia Escolanovista no Brasil

Antes de iniciar nosso debate sobre a introdução da escola rural no município de Massaranduba, acreditamos ser válido fazer um breve histórico das formulações em que o processo educacional se desenvolveu no país. Vale ressaltar que o objeto de nossa pesquisa trata-se especificamente da escolaridade local, tendo neste contexto mais amplo apenas alguns dados para chegar até ela.

O primeiro modelo educacional vigente no Brasil após a chegada dos portugueses foi o jesuítico, quando a igreja católica junto ao Estado, procurou pensar meios de adaptar o indígena a cultura europeia, só assim conseguiriam fazer do novo território uma colônia produtiva e vantajosa. Para os clérigos, ela se estabelece no país em um momento de desafios, pois com a reforma protestante ocorrida na Europa, procurou-se desde já promover a fé católica nos territórios coloniais.

Os Jesuítas permaneceram sob o domínio da educação escolar durante a maior parte do Brasil colônia, criando desde vilas para ensino de “primeiras letras” a povos indígenas, até escolas de amplitude maior para a elite local.

A partir do século XVIII, com as reformas pombalinas, a educação ficou sob a responsabilidade do Estado, que buscou adquirir uma diminuição da interferência clerical na educação dos jovens, onde se implementaria matérias como aritmética,

geometria, desenho e línguas modernas como Francês. Esta etapa da educação marcou profundamente a luta pela escola laica em contraponto a visão humanista religiosa desenvolvida em nosso país por um longo tempo.

No século XIX as ideias positivistas adentraram em nosso país com todos os seus preceitos metódicos transformando ainda mais o papel da escola diante a sociedade. Pela ótica positivista a educação iria promover o progresso do Brasil rumo a um país mais desenvolvido, em que o método científico de ordem positivista daria a sociedade todos os mecanismos para tal fim.

Em contraposição à escola tradicional, entre as décadas de 20 e 30 do século passado, se tentou modificar os métodos de ensino através de uma proposta denominada Escola Nova, que tinha como propósito central transformar e democratizar a sociedade.

Com este intuito a educação entraria com o papel de conscientização das pessoas lançando ideias de direitos e deveres dos cidadãos. Privilegiar-se-ia o interesse do indivíduo que passaria a ser visto como algo além que uma partícula em meio a sua classe social dando ao aprendiz características singulares. Com todo este ar modernizante os ecolanovistas foram vistos com certo grau de preconceito pelos mais tradicionalistas, que preferiam manter a população sob caráter da “ordem”, oriunda de uma educação metódica.

Nesta mesma época várias discussões sobre o sistema educacional no país se intensificaram sobre tudo em pauta colocava-se sempre a discussão de como a escolaridade chegaria de fato a ser algo de alcance nacional já que 80% da população brasileira na década de 20 era analfabeta.

Neste sentido procurou-se fazer em todo o país o desenvolvimento de políticas públicas sobre tudo nas áreas mais industrializadas que preparariam tecnicamente as pessoas para o trabalho, crescendo a quantidade de escolas em nosso país

Porém a maior parte das pessoas residia nas zonas rurais, o que dificultava o acesso deste pessoal aos meios educacionais crescendo a preocupação das autoridades do Brasil e na Paraíba, objeto de estudo onde fincarei meu objeto de estudo, dando foco principal a escolaridade em um destes meios rurais.

O objetivo principal da escola era o de fixar as pessoas em seus meios rurais em vista o não inchamento populacional nos centros urbanos e ao mesmo tempo tornar os cidadãos mais sociáveis, os livrando do analfabetismo presente em praticamente toda a população da época.

Outra preocupação do governo, diante a população como um todo, seria criar através da escola o sentimento de nacionalidade, já que embebidos com as ideias positivistas via neste sentido um meio de alcançar o progresso.

Devido à falta de informação, que dificilmente chegava aos locais mais longínquos, estes grupos sociais presentes no campo viviam, de certa forma, distante da “unidade” que o país queria pra si, sem ter a nítida noção dos acontecimentos e das vivências nacionais. Por assim dizer eram membros ligados apenas a comuna a qual fazia parte.

As autoridades da época viam com bons olhos a necessidade de engajar no projeto matérias que trariam para realidade rural o que realmente interessava ao aluno, sem buscar lecionar matérias que de forma alguma seriam utilizadas na vida dos estudantes.

A menina que nasceu num meio rural, cujos ideais devam está limitados ao ambiente onde se agita, não interessará, por exemplo, aprender alta costura ou tocar piano. Isso que para menina da cidade constituiria talvez atividades necessárias, para a da ‘roça’ não passa de mera banalidade sem nenhum interesse para a família ou para a comuna. (COSTA, 1941. p. 69)

Percebe-se também a diferença feita entre a educação de meninos e meninas, visando manter intacta a permanência da mulher ao meio doméstico sem fazer tanta questão de instruir a mesma para adaptar-se ao mercado de trabalho, trazendo para sociedadea grande discordância de gênero presente na época e, ao mesmo tempo, “afastando” estas pessoas dos ambientes urbanos, despreparados para receber uma maior quantidade de pessoas.

3- O COTIDIANO ESCOLAR EM MASSARANDUBA: sociabilidades estudiantis nos anos 50

No contexto de ampliação do ensino às regiões rurais, coube aos Estados e Municípios proporcionarem uma melhor distribuição educacional, interiorizando as escolas que antes era de privilégio urbano, prática esta que se intensificou na Paraíba na década de 30 onde foram criadas várias escolas rurais e uma destas foi instalada no distrito de Massaranduba.

Através do vereador de Campina Grande Pedro Sabino, a Educação formal Chegou até o dito distrito, ele mantinha uma relação harmoniosa com os populares do local e utilizou de seu prestígio junto o poder executivo para levar a educação para os jovens massarandubenses.

“Até hoje eu tenho muita saudade de seu Pedro Sabino, seu Nô Sabino... ele começou pagar a professora aqui pra ensinar. Eu pelo menos, meu primeiro patrão de escola foi Pedro Sabino, eu ia pro Salgadão, pra casa da minha madrinha ensinar e alfabetizar o povo e recebia lá em campina na casa dele” (SANTINO, Euda, 2014).

A pesquisa historiográfica que buscamos retratar através da análise da escola rural, passa por algumas questões que surgiram diante a observação de pessoas contemporâneas à instituição escolar, em que as evidentes discordâncias sociais existentes entre os membros, nos levam a uma curiosidade de pensar o ambiente em que foram educados os agentes que de certo modo formaram o que hoje é a cidade de Massaranduba.

Até os dias atuais não procurou-se fazer uma pesquisa que observasse o modo em que as pessoas idosas da cidade foram sendo formadas e criando suas subjetividades de acordo com o que lhes era repassado tanto no ambiente doméstico como na vivência escolar.

Ao observarmos a população que presenciou a chegada da instituição, percebemos que sua grande maioria são semi-analfabetos que aprenderam apenas as primeiras letras, as vezes até com certa dificuldade. Tratava-se de uma educação voltada para o ensino do básico, aquilo que serviria de forma imediata ao aluno. Seus métodos eram variados mas o objetivo final seria o mesmo.

“Ler eu leio qualquer coisa que me botar aí pra eu ler, normalmente... mas pra escrever... quando os meninos estavam no Rio fazia carta mandava pra casa eu *mermo* lia, mas pra fazer eu não faço” (CAMILO, Inês, 2014).

Outra questão peculiar sobre a pesquisa é a de compreender o motivo de algumas pessoas terem levado seus estudos mais adiante e outras terem estagnado no que refere-se a educação. Até porquê o incentivo quanto a introdução ao meio escolar era pouco “ Só aqueles que tinha o interesse mesmo, porque o povo nem ligava pra escola” (CAMILO, Inês, 2014). Ou como diz Euda Santino(2014): “Não tinha nada que nos atraísse, nos chamasse... o que chamava a gente atenção era somente as letras! Era de ler, de escrever, de contar alguma coisa... o que chamava muito atenção era o convívio com outras crianças”

Neste sentido acreditamos ser de importância histórica, buscar através do discurso de pessoas mais velhas que sentimentos e lembranças foram deixadas pela escola que marcam, mesmo após várias décadas, a mentalidade destas pessoas, que ao lembrar do ambiente escolar que fizeram parte repassam em seu discurso vários sentimentos, que ao ser analisado pelo historiador pode constituir uma página importante na História de Massaranduba.

O prédio onde se instalou a escola localizava-se na área mais povoada do distrito que na época pertencia a cidade de Campina Grande, e estava inserida dentro do projeto de ruralização escolar que proporcionou a educação dos jovens da região.

“Era uma casa vieira antiga, trancada, não tinha ninguém... aí Aderaldo deu pra botar essa escola, porque a casa era de Aderaldo” (CAMILO, Inês, 2014).

O ambiente criado para promover esta educação deixava muito a desejar e não transmitia na realidade o que era propagado nos discursos políticos da época. “A escola disporia de cozinha, pavilhão para ginástica, biblioteca infantil, gabinete médico e dentário, sala da direção, portaria, sanitários e no mínimo duas salas de aula” (Sizenando Costa, 1941), muitas vezes chegando a ser cômica a realidade pela qual os estudantes tinham que passar para conseguirem aprender algo no ambiente escolar ao qual faziam parte.

Na realidade o que existia na escola e em suas proximidades era uma grande falta de infra-estrutura, onde para chegar à dita escola os alunos tinham que atravessar poças de lama trazendo alguns transtornos, ainda mais se formos pensar na vestimenta da época em que as meninas usavam vestidos longos, e se tratando de famílias rurais de classe baixa não deviam se sujar facilmente, pois não tinham outras roupas para substituir.

A falta de acessibilidade no meio externo repetia-se dentro da escola que oferecia poucos meios para estadia dos alunos. Entre as dificuldades podemos citar a falta de carteiras em que os alunos tinham que levar seu tamborete caso não quisessem ficar de pé durante toda aula. Além disto a escola não dispunha sequer de um relógio, para saber dos horários tinham que perguntar a vizinhança.

“Cada um levava seu tamborete que não tinha uma cadeira, cada um com seu tamborete... Cada um ficava ali estudando, aí quando era depois pra ir *simbora* cada um ia dá sua lição, o que estudou a ela, pra ela ver tudo, lia aí fazia aquilo que ela ensinava de manhã quando chegava, se não soubesse ia lá perguntar a ela, ela dava a explicação e na hora de sair, a gente saia de 11 horas, vinha saber da hora na casa de seu Bio Freire que ninguém tinha um *relógi*, ela tirava um menino daquele e o menino vinha” (CAMILO, Inês, 2014).

O período das aulas dividia-se nos turnos da manhã e da tarde, onde eram ensinadas matérias como Português, Aritmética e História do Brasil, claro que numa ótica positivista pois era de interesse do governo expandir o sentimento nacionalista dos grandes fatos e “heróis”.

“História era decoreba *né!*? História só tinha pergunta. Quem descobriu o Brasil? E pronto e *vamo* ali... A História que a gente via era essa, a decoreba de saber como era o nome dos homens, das datas, da princesa Isabel que libertou os escravos, era só isso.” (SANTINO, Euda, 2014).

O horário de intervalo durava em média uma hora e servia como espaço de maior sociabilidade entre os jovens que realizavam jogos e brincadeiras, porém vale salientar: meninos com meninos; meninas com meninas, pois as regras morais ainda estavam bem definidas.

Entre estas brincadeiras estavam algumas que são vistas até nos dias atuais como “toca” e o “pique-esconde” realizado por crianças do sexo masculino. Já às meninas,

que deviam se mostrar mais sensíveis, o jogo mais comum era as “sete marias” que utilizava como material apenas pedras “Brincar ninguém tinha com quê, se sentava nas calçada e ia jogar pedra” (CAMILO, Inês, 2014)

A quantidade de alunos era razoavelmente grande, tendo em vista a dificuldade pra dedicação de tempo a escola. Esta divisão entre meninos e meninas adentrava ao âmbito escolar onde a espacialidade seria dividida de acordo com o sexo. “Tinha bem uns 30... Era dividido, tinha o lado das meninas e o lado dos meninos, mas cada um levava o seu assento” (CAMILO, Inês, 2014).

As dificuldades e manter-se na escola eram inúmeras e dentre elas destaca-se a falta de condições financeiras para continuar no meio acadêmico, já que o material escolar não era gratuito e muitas famílias tinham dificuldades até de mantimentos para sua sobrevivência. Deste modo seria mais viável para família utilizar o estudante como mão-de-obra para o trabalho. Como nos relata Inês Camilo (2014) “tudo era por conta dos pais, ninguém dava nada não! Somente porque era de graça... Lá de casa mesmo só tinha eu e outro, os mais velhos iam trabalhar”.

Diante este quadro uma família pobre quase nunca conseguia manter seus filhos na escola, sempre escolhendo um ou dois para dedicar-se aos estudos, diminuindo assim o número de crianças e adolescentes com acesso a educação. Porém, mesmo com todos estes problemas, já havia entre os populares a ideia de crescimento social oriundos da educação, Neste período já se podia deslumbrar formas de vida que não mais aquele rural.

“Meu pai dizia que eu ia ser Doutora, queria que eu me formasse, que eu fosse alguém na vida, que até hoje eu tenho frustração na vida, ele queria muito que eu estudasse” (SANTINO, Euda, 2014).

Além da dificuldade de material escolar a instituição não dispunha de lanche, esse caso as crianças sentissem fome no período das aulas, ou na hora do intervalo tinham que buscar saciar-se com os pés de frutas das localidades vizinhas.

Os estudantes que moravam nas regiões mais distantes da área central de Massaranduba, caso quisessem aprender as primeiras letras tinham que pagar a populares para lhes ensinar, e o espaço reservado para as aulas, na maior parte das vezes era a própria casa do “professor”.

“Agora pai como tinha muito interesse de ver a gente estudar, que ele pagava... Que quando a gente *fumo* pra lá, a gente *fumo* assim... Que de primeiro não tinha primeira série, segunda série, era os livros a gente já *fumo* na cartilha porque a gente estudava assim pelo sítio pago, ele pagava aquele povo que ensinava (...). Era o maior prazer da vida dele quando a gente mudava de livro, que chegava em casa com o nome, ele ficava na maior alegria porquê ia comprar aquele livro pra gente”(CAMILO, Inês, 2014)

Tanto na casa dos populares, como na escola do Governo, os castigos eram intensos, e se os alunos não demonstrassem interesse na “lição” com certeza iriam sofrer alguns castigos, como ajoelhar no milho ou dá à mão a palmatória.

“Tinha uma coisa que a gente não gostava que era a palmatória *né!*? que toda sexta-feira era a sabatina. Assim que a gente aprendeu Matemática! Se não fosse aquela palmatória ninguém sabia de nada (risos) ... de joelho no milho... poxa vida, é muito ruim visse! (risos) tinha um quarto lá naquela casa, que era um quarto vazio, e eu toda vida tive medo de ambiente vazio, porque onde não tinha ninguém pra mim tinha assombração, aí ela dizia que quem não desse a lição certo ia pra dentro do quarto, ave Maria... tinha um medo tão grande de ir naquele quarto que só Deus sabe” (SANTINO, Euda, 2014).

A presença dos pais no dia-a-dia escolar praticamente não existia e cabia ao mestre-escola todo o papel da educação acadêmica dos “filhos da terra”

A relação entre o mestre-escola e os estudantes variava de acordo com o professor, os mais rígidos eram temidos e ao mesmo tempo menos próximo dos alunos, já os mais maleáveis tinham a aceitação maior, como é o caso da professora Josefa Dias Correia que tinha grande admiração por parte destes, ou de Auzira Soares que segundo nossa entrevistada causava pavor aos estudantes.

“A primeira professora, essa Zefinha Correia que era irmã de Zé Augusto, ela era uma pessoa boa, paciente e tudo. Agora quando Alzira Soares chegou... Ela arrancava a *urêa* de qualquer um menino, era assim... Ela pegava e *trucia*. Quando ela vinha chegando, parecia que vinha chegando o cão. Os meninos diziam logo, lá vem o satanás (risos) agora a primeira não, Zefinha, foi porque deu problema nela, ela já era doente aí foi *simbora*” (CAMILO, Inês, 2014).

Alguns alunos, que dedicavam-se com mais afinco aos estudos conseguiam chegar a um patamar maior, como é o caso de nossa entrevistada Euda Santino, que

desde jovem passou a repassar seus conhecimentos a outras pessoas de regiões próximas, os tirando do analfabetismo.

“Eu pelo menos quando aprendi ler e escrever eu fui trabalhar. Eu já fui alfabetizar *né!*? Já consegui um dinheirinho pra *mim* mesmo. Apesar de não comprar feijão e arroz, comprava roupa pra mim e pra meus irmãos” (SANTINO, Euda, 2014).

Deste modo a educação passou a ser difundida de modo a abranger mais pessoas, contribuindo significativamente para ascensão intelectual de boa parte dos municípios que até então não tinham acesso a nenhuma forma de educação pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema desta pesquisa se originou no interesse em compreender que sociabilidades faziam parte do cotidiano dos estudantes massarandubenses na década de 50, assim como também verificar o que esta educação trouxe de positivo a estes indivíduos.

É notório que o implemento da escola serviu como a introdução das pessoas no mundo letrado, onde idéias passam a ser construídas e esperanças de alternâncias de vida ganham corpo num ambiente tão simplório e arcaico. A escola traz consigo um elo com a modernidade, algo de novo chega até ao povoado, ir a escola torna-se objeto de realização e orgulho pessoal, é o momento em que a filha do pequeno comerciante ou agricultor deslumbra ter sua ascensão social através de seu esforço para levar adiante seus estudos.

Verificou-se que entre os membros locais, não se alterou apenas a forma de aprendizagem, oriundas de uma educação formal, mas também o modo de se por diante a sociedade, pois a partir da escola os jovens passaram a conviver com membros alheios ao elo familiar, tendo um espaço propício para que suas subjetividades pudessem percorrer linhas diversas, tendo assim oportunidade de convívio com pessoas da mesma idade que podiam compartilhar sonhos e vivências individuais ou não.

Quanto ao desenvolvimento intelectual iniciado na escola, podemos dizer que mesmo aqueles que não seguiram adiante na educação, tiveram a oportunidade de se alfabetizar e ter até um senso crítico mais amplo que aqueles que não tiveram tal chance em época anterior. Numa sociedade em que mais da metade da população é analfabeta,

saber ler e escrever torna-se algo grandioso, ainda mais num território em que as condições de vida são tão simples.

Para aqueles que se destacavam em sala de aula já havia a possibilidade de ensinar a outros aquilo que lhes tinha sido lecionado, passando a dedicar seu tempo na missão de alfabetizar, diminuindo pouco a pouco o índice de analfabetismo na região. Com isto também já havia melhoria na vida do indivíduo pois já passava a obter uma renda, que mesmo pouca, ajudava na sustentação familiar.

As vivências em sala de aula caminhavam numa linha tênue entre a afetividade e a truculência, mesmo havendo na época uma mentalidade de rigidez para se alcançar o objetivo desejado, no caso o de educar, havia espaço para troca de cordialidades por parte de professores e alunos, chega a ser emocionante o semblante dos entrevistados ao relembrar a época. Memórias que estavam guardadas vêm a tona através dos questionamentos da pesquisa, são lembradas professoras, políticos e familiares. Momentos de risos ou angústias chegam aos seus auge em meio as lembranças, toda esta gama de laços psíquicos vão além de simples interpretações corroboradas pelo estudo da causa.

Conhecer as vivências de épocas anteriores torna-se um exercício prazeroso também para aquele interessado em escrever sobre, assim como para o leitor que venha a se interessar conhecer tais vivências.

Ao ouvir tais histórias se passa na mente do entrevistador algo semelhante um filme, são criadas imagens em preto e branco ou em um tom envelhecido aquilo que para os mais velhos que presenciaram a época vêm em tons coloridos e vivos ainda em suas memórias.

Portanto, caminhando junto a História Cultural e buscando conhecer os fatos a partir do discurso advindo de Memórias, concluímos nossa pesquisa trazendo no texto elementos históricos para quem busca conhecer um pouco mais sobre as sociabilidades escolares de épocas anteriores.

RESUMEN

Este artículo, resultado de la realización de trabajos de curso, tiene como objetivo reflexionar sobre la introducción del primer sistema educativo presente en Massaranduba en los años 50 del siglo pasado, en busca de haberse centrado principalmente en la interacción entre profesores y estudiantes, así como sus relaciones Los estudiantes entre sí. En la investigación se tratará de entender lo que la educación trajo de vuelta a estas personas y sus futuras prerrogativas y sus sensibilidades en torno a lo que se ha aprendido. Teniendo como soporte teórico el francés Roger Chartier, vamos a discutir nuestros escritos apoyados por la Historia de la Cultura, ya que es para darse cuenta de la mayoría de los aspectos del texto de cada diario individual. Conocer la causa se formula a través del habla oral, extraído de los ex alumnos de la institución, por tanto, se convierte en un trabajo anclado en el concepto de los Recuerdos.

PALABRAS CLAVE: Educación. Todos los días. Sociabilidad

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena – **Fontes Históricas**, São Paulo, Contexto, 2005, 156-202 p.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda – **História da Educação e da Pedagogia**, São Paulo, Ed: Moderna, 2006.
- ARAÚJO, Maria Cristina de Albuquerque – **A escola nova em Pernambuco: educação e modernidade**, Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002, 208p.
- BARROS, José D'Assunção – **O Campo da História: Especialidades e abordagens**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BOF, Alvana Maria – **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**, Petrópolis, Ed: Vozes, 2004.
- CHARTIER, Roger – **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**, Trad.: Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COSTA, Sizenando. (1941). **A Escola Rural**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE.
- FONSECA, Thais Nívia de Lima e – **História e ensino de História**, 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, 120p.
- FRANCISCO FILHO, Geraldo – **História Geral da Educação**, Campinas, SP, Ed: Almeida, 2005.
- GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo – **História da educação brasileira** – 4. Ed. – São Paulo: Cortez, 2009, 272p.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS. (1987). **A educação nas mensagens presidenciais (1890-1986)**. Brasília, Mec. vol. I
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom – **Manual de História Oral**, 4. Ed., São Paulo: Loyola, 2002, 248p.
- NORA, Pierre – **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Trad.: Yara Aun Houry. Paris, Ed. Gallimard, 1984.
- PINHEIRO, Antonio Carlos – **A Era das Escolas Rurais Primárias na Paraíba (1935 a 1960)**, Universidade Federal da Paraíba,
- RESENDE, Lucia Maria – **Relações de Poder no Cotidiano Escolar**, Campinas, Papyrus Editora, 1995, 35-42 p.